



Ex.^{mo} Barão de S. Lazaro e D. Guilhermina d'Araujo. Os dois personagens da *Pavana Real* representada no Theatro Gil Vicente no Porto, na noite de 12 de Maio de 1917 em favor da assistencia ás victimas, da guerra.

Cliché do distincto photographo amator snr. Anthero d'Araujo.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.
Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Casello, se residir no concelho de Vianna do Casello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Fieços e todas as infoações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 reis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA

CHRONICA DA SEMANA

Do meu livro de notas

ENTRE a expulsão do snr. Bispo do Porto e as chuvas d'este fim d'agosto que o Sfejjoon anda a anunciar á compita com o Borda Leça ha mais de mez e meio para fins de setembro, trez factos bateram ao portal da «Chronica» pedindo licença para descansar das fadigas do giro inevitavel pelas boccas dos commentadores publicos. Fiel ás hospitaleiras regras conventuaes dos bons tempos em que ainda não havia comboyos alimentados a lenha, nem censura, nem jornaes, recebi os viandantes e registei os seus nomes e qualidades no livro da hospedaria... Bem pobres, muito pobres, muito vulgares eram elles! Que ha n'este paiz que já aguce ou suscite pasmos?

Um deputado que grita *á unha! á unha!* rubricando admiravelmente o quadro do fim da parlamentar burdia. A atoada da viagem presidencial ao *front* portuguez em França. A expulsão do snr. Cardeal-Patriarcha de Lisboa.

Vespeiro de invejas e questiunculas bravas e rasteiras, sem grandezas, sem arte declamatoria, e sem justiceiro espirito de legisferação util e proba, o parlamento fechou as suas portas. Grande allivio! Os dias e noites das derradeiras sessões foram afinal a escandaleira pegada e revoltante das votações á lufa-lufa dos projectos de tapar os estomagos da Clintella que latia ao pernil dos pseudos representantes da nação, authenticos representantes embora, d'este remate d'uma anarchia disfarçada nas leis e nos costumes, em que o principio fundamental é comer á tripa-fôrra, com a variante dos jactos anti-clericaes p'ra turba vêr! E aquelle *á unha! á unha!* veio precisamente na altura em que dois dos *pro hombres*, Xavier e Magalhães, se engalinharam no redondel, ficando por averiguar qual d'elles era o chefe do grupo de moços de forçado—trabalho em que os historiadores anecdoticos da farça terão de tosquenejar á luz do candieiro de trez bicos, porque a falta do carvão não dá já a projecção de luz de gaz bastante para a ribalta, onde os fiteres gesticulam desmanchadamente as ultimas altitudes!

No meio da barulheira infernal, ainda Celorico Gil, o teimoso algarvio palrador que tem marcado d'onde a onde uns traços de independenciã, pôde atirar quatro vergueiradas á pança ministerial e á inépc'ia das oposições d'agua chilra, a proposito da viagem presidencial. E a «Chronica» aqui regista com applauso estas palavras de Celorico:

«Diz isto para que o paço de Belem saiba que ha alli um portuguez que combate com toda a violencia uma viagem paga pelo paiz que come pão d'aveia e em risco de comer casca d'arroz e peixe espada á mistura. Termina affirmado que a projectada viagem é mais um erro dos muitos que se teem commettido desde que está á frente dos destinos do paiz o actual presidente do ministerio,

Continuando a dedicar todo o seu amor á republica, uma unica coisa o anima: que s. ex.^a vá, de lá escreva, e que, convencido de que Portugal não precisa d'um presidente, por lá fique.»

A expulsão do Sr. Patriarcha, que ha cinco ou seis annos ainda levantaria uns ruidosos clamores aos batalhões jacobinos, apenas revelou que se continúa na execução do programma realisado em parte nos oitenta e seis mezes decorridos desde o alvorecer do regime. De novo—desconfio—vão surgir os protestos em estylo telegraphico das bandas das amorphas camadas do conservadorismo sorna e liberalão que com elles se contenta e é a degeneração do pristino brio d'esta raça; e depois... depois tóca a dormir o regalado somno hibernal dos morcêgos, porque já varrem os primeiros frios annunciadores do inverno e não tardam a sehir dos guarda-roupas domésticos os agasalhos. O essencial é que a guerra não deixe de enfartar a bolsa dos *nouveaux riches* que agora andam pelas praias e thermas nos melhores hoteis e d'automovel.

—As consortes ainda não ousam pôr chapéu, contava-me ha dias um amigo de Vizella. Estão desacostumadas e talvez um resto de senso artistico do pae de familia notasse o ridiculo do enfeite na cabeça adorada da companheira das lides ao balcão do mercado ou da locanda, Não se atrevem. Mas á hora do jantar, o grupo fatal do pae, da mãe, da filha, pedindo champagne e coisas excitantes pavoneia os ares triumphaes de quem já pôde baforar grosso e abundante, e, pousando a mão nos anneis, nos brincos, nos *pendentifs* de joalheiros caros ou na sêda dos vestidos, dizer cheio de chança: —*já cheguei!*

Moços suspicazes hão de mirar o mealheiro dos novos argentarios atravez d'umas horas de *flirt* com as filhas já instruidas por quaesquer guarda-livros amorúdos, e só faltará—e que pena! outro Camillo para reduzir a escripto em romances prenhes de chasco e fagançadas o processo da sociedade caricatural que supurou nas margens lodacentas do lago de sangue que as patrioticas raivas dos colossos belligerantes vão enchendo a desbordenar.

Já instruidas, digo, e não receio desmentido. Hias de vêr, leitor, como eu ha dias, no curto espaço do Porto a uma villa do norte, de comboyo, um d'esses mocinhos da *jeunesse* de lafão que usa pulseira, se espartilha, e se embebêda como ôdres em noites de esturdia devassa, em amena conversa com duas meninas filhas de *nouveaux riches*, que eu conheço.

O rapaz explicava os bastidores do *namôro moderno*, e ellas, iam mostrando que as explicações eram desnecessarias. Sabiam tudo, na ponta da lingua, e diziam-no com uma desenvoltura perfeitamente masculina! A transfusão dos sexos!....

Mas não se admirem. Isto são males que de longe veem! Ha bons oito annos uma illustre senhora portugueza, espirito femenino dos mais cultos e vivos que tenho conhecido, já me observava:

—D'antes podia levar sem receio minhas filhas á Avenida. Hoje, não as lévo: a cada passo gente da chamada alta roda pára deante d'um cocheiro e dirige-se-lhe, assim:—*olha lá, quantas placas quêres tu puxar por um giro na tipoia?*

Mas não se admirem, senhores, não se admirem. Na Granja bate-se o fado e falla-se calão—ali á prêta!...
Le monde marche!

F. V.

HOMENAGEM



DEPOIS de muito instar com minha tia D. Ignacia de Ferreira de Mello Freire de Andrade (porque a sua modestia é igual ao seu merecimento), consegui que escrevesse no meu album uma das suas raras poesias.

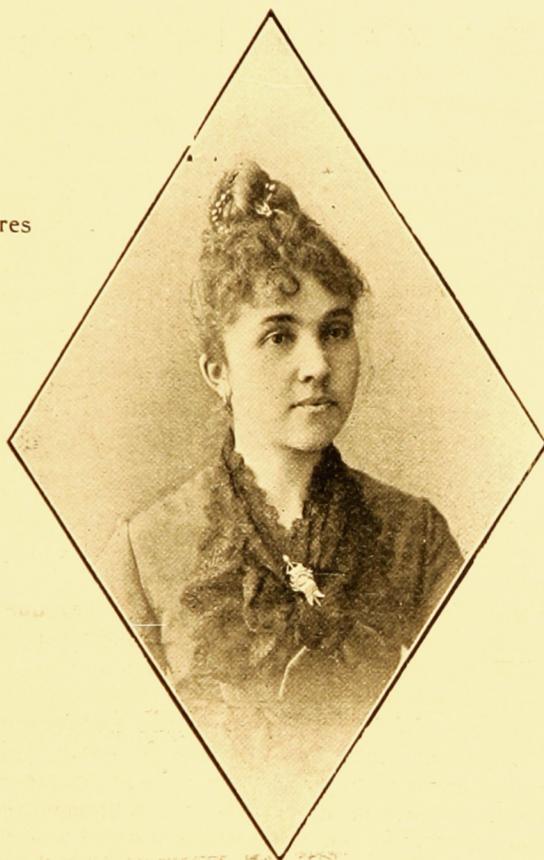
Acho-a tão bella, tão perfumada, que não posso furtar-me ao desejo de a offerecer, como um mimo, aos leitores da *Illustração Catholica*. Eis-a :

Primavera

Sê bem vinda, Primavera !
Que ostentando os teus primores
Reappareces, ovante,
Com teu manto roçagante
Feito de luz e de flôres !

Espalhas com graça infinda
As esmeraldas e o oiro,
Opalas, rubins, saphiras,
E ás mãos cheias nos afiras
As joias do teu thesoiro.

Tudo sorri, tudo exulta,
Na terra, nos céos sem fim !
Em cada haste uma flôr,
Em cada ave um cantor,
Em cada prado um jardim !



Os corações se reanimam
E ha perfumes pelo ar . . .
Nas ramas dos arvoredos
Murmuram ternos segredos
As brisas ao perpassar.

Pelo azul do firmamento
Fulgem os astros a flux;
Seus bri'hos o sol ostenta,
E a natureza sedenta
Banha-se em ondas de luz !

Tudo te diz — Sê bem vinda !
As aves no seu cantar.
E em seus murmurios as fontes..
Dizem-t'ó os campos e os montes
Nas galas do seu frajar !

Tambem t'ó diz a minh'alma
Enlevada em teus primores,
Ao vêr-te chegar, ovante,
Com teu manto roçagante,
Feito de luz e de flôres !

Ignacia de Mello.

Filha de José Joaquim de Ferreira de Mello Freire de Andrade, apaixonado cultor de todas as bellas artes e botânico exímio, herdou d'elle o gosto pela musica, pelas flôres e pela poesia. Habitando o Palacio das Agrads (1) com sua torre de ameias, verdadeira obra de arte (que seu pae imaginou, riscou e mandou construir), não podia, n'aquelle ambiente de arte e em meio d'uma vegetação soberba, deixar de ser o que é : uma artista contemplativa, uma santa.

Agora duas palavras sobre a sua genealogia: Pelos Ferreiras e Mellos descende de Ruy Pires, de D. Soeiro Raymundo e de D. Mem Soares de Mello (chefes). Pelos Freires de Andrade, dos Condes de Transmara e de Trava e de D. Nuno Freire de Andrade (chefe). É 13.^a neta de Lourenço Freire de Andrade, fidalgo da Casa Real, e ascendente de todos os Andrades da provincia do Minho; 4.^a neta de Balthazar de Ferreira de Mello, senhor da Casa e quinta do Carmo, em Barrosas, concelho de Felgueiras, que tendo comprovado a sua legitima descendencia dos Ferreiras e dos Mellos, obteve de El-Rei D. João V, em 30 de setembro de 1746 uma carta de Brazão, registada no livro 9.^o do Registo dos Brazões da Nobreza de Portugal a fls. 56, existente na Torre do Tombo, conferindo-lhe o uso do brazão de familia dos dous appellidos reunidos n'um só escudo, que foi o primeiro a usar.

(Balthazar de Ferreira de Mello viveu no Paço, no tempo de D. João V, e acompanhou o monarcha a terras de Santa Cruz).

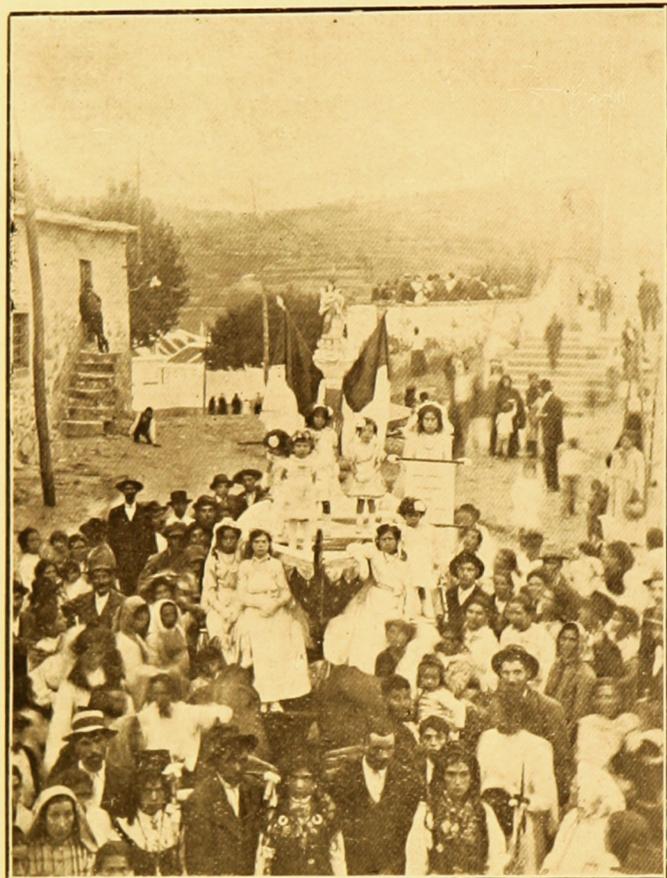
Pelo meado do ultimo quartel do seculo XVIII foi dismantellada e dispersa a Casa e quinta do Carmo, passando a prerogativa de solar da Linhagem dos Ferreiras e Mellos, de que gozava, para a Quinta das Agrads onde vive a auctora da *Primavera*.

12—VIII 17.

ZULMIRA DE MELLO.

(1) O actual edificio foi levantado no sitio da antiga Casa das Agrads, da qual resta sómente o brazão d'armas.

A Festa do Soccorro na Regua



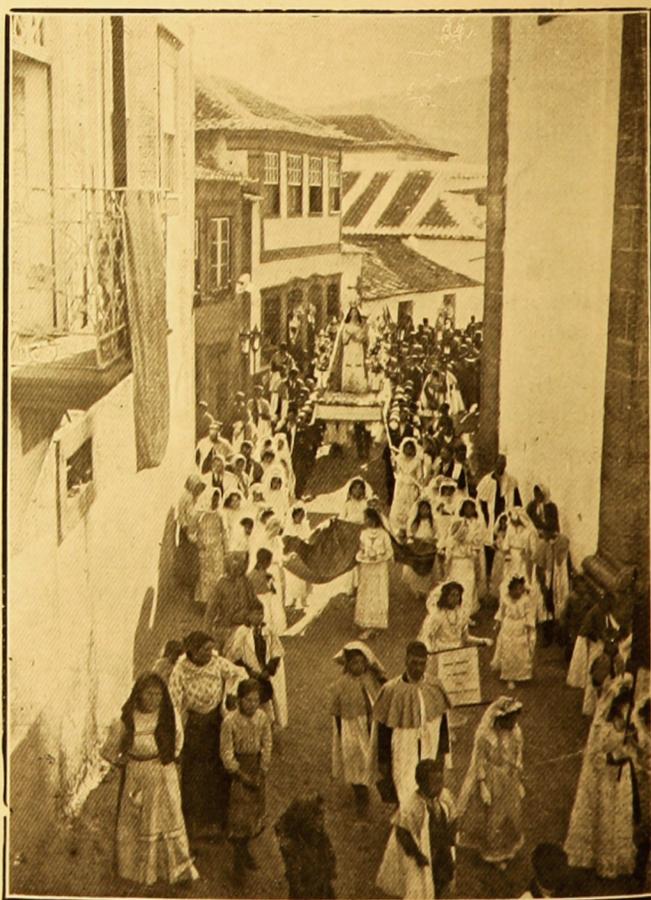
A procissão.— Carro de N. Senhora da Conceição



Ornatações na rua Custodio José Vieira



Carro de S. Miguel, na procissão

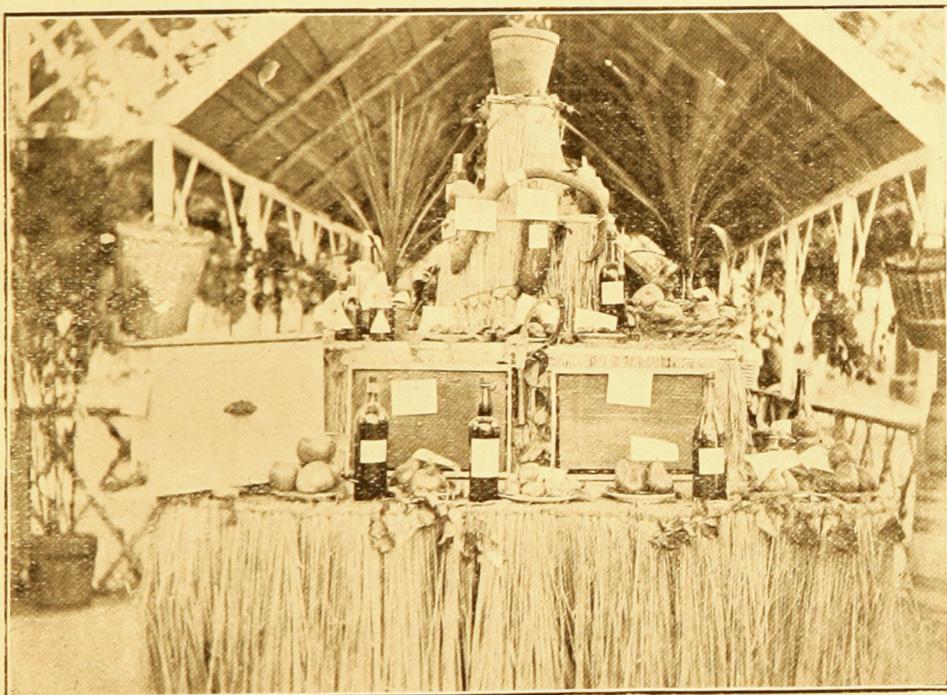


Saindo da capella.— O andor da Virgem do Soccorro

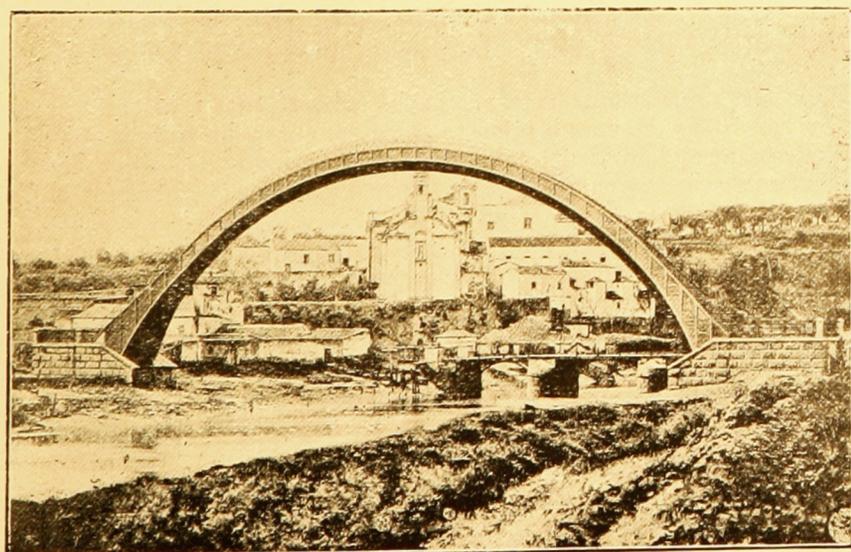
Realisou-se na Regua, com o esplendor de sempre, a festa de N. Senhora do Socorro, typica manifestação de fé, que tem fama pelas povoações ribeirinhas do Douro e até por muito longe. Alem das festividades religiosas, a que se dedica e concorre, com apparatusas procissões, o povo regoense aproveitou a ocasião para expôr os seus productos agricolas, numa interessante Parada. Ella demonstrou claramente que é muito



Pavilhão da parada agricola



Aspecto do interior da exposição



SACAVEM—Ponte-siphão do Alviella

alevantada a situação d'esse importante districto agrícola sob o ponto de vista da technica do agriculturamento, e quanto a Regoa contribue e pode contribuir para a prosperidade nacional.

(Clichés de Antonio Teixeira).



Lisboa, acaba de soffrer os rigores da sêde por se haverem poslo em greve os operarios da Companhia das aguas.

Esta Companhia, senhora do rio Alviella, canaliza o, por mil tubos para as necessidades de meio milhão de pessoas, que tantas são as que contem a capital.

Varios mecanismos, e outras obras de industria, reúnem as diferenças de nivel, e a ponte-siphão que a nossa gravura reproduz é uma dessas obras interessantes, tornadas inuteis pela paralyzação dos trabalhos nas semanas passadas. Agora vae de novo correndo a agua em Lisboa, mas a falta sente-se ainda.



Vida intensa

POR ARTHUR BIVAR

Um louco



ERA uma das curiosidades do manicómio, uma d'essas exposições de miserias humanas que se não visitam nunca sem calafrios.

Apresentou-m'o o director, prevenindo-me de antemão de que ia ver um dos mais raros exemplos de monomania.

Mergulhei o meu olhar detidamente no d'elle, nos breves instantes da apresentação, procurando nos olhos algum indício da anormalidade que atirara aquelle homem para a reclusão dos alienados.

Nada, absolutamente nada, denotava o tragico destino do infeliz. Era uma bella figura de homem, de seus quarenta annos, cabello ainda todo preto e cuidadosamente riscado e penteado, olhos vivos, fulgurantes, extremamente moveis, testa vincada precocemente pelo continuo meditar, queixo glabro, dentes brancos, perfeitos e bem cuidados, assim como todo o vestuario, que denotava habitos de elegancia herdados e porisso naturaes.

Falámos muito tempo de varios assuntos futeis. Nem uma só vez consegui descobrir em que tecla era defeituoso o órgão d'aquella razão perdida.

Disponha-me a interromper o colloquio e a sahir, quando o proprio director, após um signal de intelligencia trocado commigo, o convidou a mostrar-me os seus trabalhos.

Fui então largamente ressarcido da minha baldada sondagem.

Conduziu-me immediatamente á sala que a familia, — uma velha familia fidalga de uma das Beiras — mandara reservar para satisfação da sua inoffensiva mania.

Confesso que não teria adivinhado nunca em que consistia tão raro desarranjo mental. Na vasta sala, por sobre as mezas, em cavalletes, pelas paredes, no chão, viam-se unicamente desenhos acabados, esquissos, pinturas... Era uma infinita variedade de tentativas para attingir a perfeição na representação de um cabide. Desde o prégio simples até ás baterias de «pombinhas» pintadas com soberba maestria ao longo das paredes, era difficil excogitar algum novo meio de pendurar peças de vestuario.

E o pobre louco, assim que entrámos na sala, múdo, solemne, tragico, pegou num casaco velho que estava em cima de uma cadeira e começou num canto da sala as suas sempre mallogradas e sempre renovadas tentativas de o pendurar num d'aquelles cabides pintados.

Eu seguia attentamente aquella manobra, acompanhando os movimentos physionomicos do demente, que a cada novo insuccesso meneava a cabeça, como que despedia uma chispa dos olhos, já fixos no cabide proximo e prosseguia tentando pendurar e levantando do chão a peça de vestuario...

No fim, quando acabou de experimentar todos os cabides que pintara ou desenhara expediu um grito rouco, inarticulado, ininterpretavel, e exclamou arrependendo os cabellos e soluçando prêsa da crise ferrivel:

— *Ainda não!* Depois de alguns instantes de desespero, suspirou profundamente, despiu o casaco, pegou num lapis e foi começar febril um novo esboço, outro cabide num cavalleté já disposto para novo desenho...

Sahi com o director. Vão decorridos alguns annos e não sei se o curioso louco morreu ou vive ainda, naquelle trabalho menos pesado que o de Sisipho, mas muito mais grave para quem souber avaliar a profunda lição que encerra.

Essa lição vive em mim, na recordação das breves palavras com que o director do hospicio me referiu a historia d'aquelle infeliz. Offereço-a, singela e breve como a recebi, á meditação dos leitores:

Aquelle homem foi casado e teve um filho a quem mandou educar a seu gôsto, libertando-o de todos os «preceitos», religiosos e moraes da educação tradicional. Em vez dos principios eternos da educação christã, que atravez dos seculos foram sufficientes para educar tantos homens eminentes em virtude e saber, impôz ao filho uma educação vasada em moldes modernos, fundamentada em principios racionalistas, isto é, excluindo a sancção externa, poderosa, real, de Deus, para lhe substituir, num dos muitos systemas que a historia das loucuras philosophicas regeita, a sancção interna, insufficiente, ficticia, da propria razão humana autonoma, ou seja legisladora de si mesma.

E quando aquelle filho unico, estremecido, em quem o orgulhoso pae punha todas as suas esperanças de uma velhice satisfeita, se deixou arrastar, no limiar da vida, para a primeira aventura, que a breve trecho, de queda em queda, o levou ao suicidio, o pobre pae, numa hora de intensa dôr, pegou num livro religioso de não sei que apologista recente e leu que: *pretender educar a juventude sem os firmes e immutaveis principios da moral religiosa é o mesmo que pretender dependurar coisas de um prégio pintado...*

E durante annos e annos o pobre louco, variando, complicando e aperfeiçoando os desenhos, tentou, agarrado ainda ao seu orgulho, desmentir aquella verdade cujo clarão subitaneo lhe deslumbrara a vista do espirito...

E eu recordei-me delle ao ver agora as paginas dos nossos jornaes chapeadas de ar.nuncios de tantos, tantos collegios, que surgiram para receber a herança dos monumentaes collegios religiosos que o tufão revolucionario varreu...

Figueira da Foz, Collegio Lyceu Português, 25 de agosto de 1917.

QUADROS

VI

A VINGANÇA

Ao Excellentissimo senhor Joaquim Antonio Pereira Villela

Todo suor e lagrimas, vae triste
O bom trabalhador...
Porquê? Não pela dor,
Porque a vida em soffrer é que consiste.

Lucta e soffre com gosto : assim resiste...
Assim ganha vigor...
O que o punge é o rancor
Da inveja que ao seu lado negra assiste.

E, de golpe, uma fria punhalada,
Direita ao coração...
E cae desamparado sobre a estrada...

Prendem n'isto o assassino... Mas, então,
O outro ergue-se, e brada :
—Pertence-me o castigo! E' o do... perdão!

José Agostinho.

MARIA!

(Ao grande artista José Agostinho)

Os meus olhos um dia se cansaram
de andar na noite velha d'amargura,
e longa e docemente se poisaram
n' Aquelle abysmo santo de doçura.

E fez-se luz : fôra-se o escuro, a magua...
E acesos de meiguice e d'esperança,
os vi sorrir, sonhar, sem nuvens, agua
— quedinhos como um somno de creança...

Agora — á vida! á vida! E pôdem vir
as sombras pavorosas do Porvir,
e mail-a a Morte negra em companhia :

que meus olhos felizes sabem bem
que a doce luz do teu olhar de Mãe,
é pão de Fé, vinho de Amôr—Maria !

Paredes de Coura.

Teixeira Pinto.

O Coração de Jesus

Ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Mattos

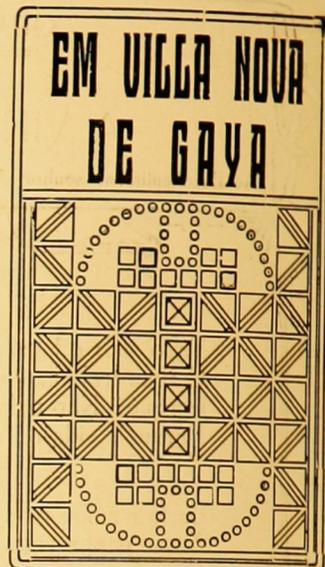
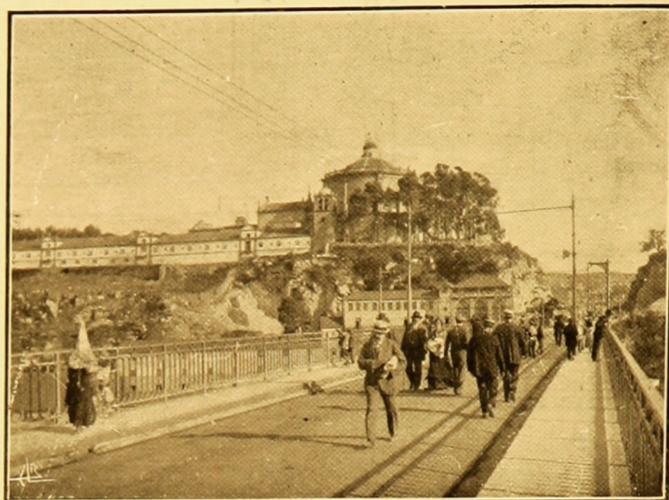
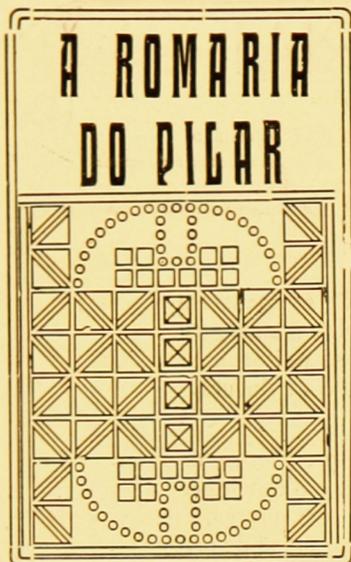
Era no fim da tarde; os céos encastellados
Inspiravam terror; rochedos recostados,
Escuros, côr da treva alçavam-se malditos
Como as sombras do mal; dos antros infinitos
Sahiam sem cessar medonhos estertores
Jesus ia passando, entregue ás suas dores;
No casto coração do Filho de Maria
Cahia gota a gota a gota o calix d'agonia
Elle ia triste e só por entre as oliveiras
De Siloé ao Kedron, do Kedron ás palmeiras
Que ficam no caminho. As pedras das torrentes
Raspavam chocalhando os bojos das serpentes
Recordava o clamor das cruas gemonias;
E ali bem junto á noite o vulto do Messias
Parecia destacar no fundo azul escuro
Como um anjo de luz, o anjo do futuro
Gemia brandamente, e o coração divino

Semelhava, entreaberto, o livro do destino
Pezava-lhe no peito a humanidade inteira;
Andava lentamente, e ali n'esse quebranto
Ao contemplar ao longe a cidade fronteira
Derramava-se em pranto.

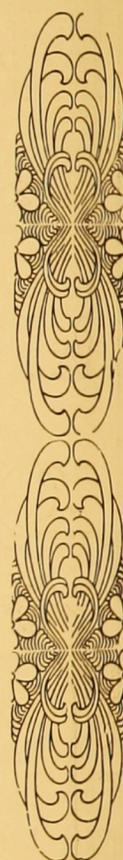
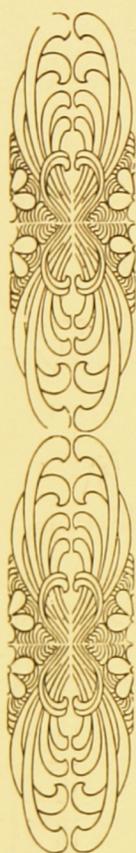
Carpia a desventura, a sorte malfadada
Dos miseros mortaes a vida amargurada ;
E por entre o gemer d'aquelle povo hebreu
E fero tumultuar do negro pharizeu
De tanto escriba vil, de tanto sacerdote,
E o calculo brutal de Judas Iscariote
Jesus descortinava a vida das nações
O reinado do mal, o mundo em convulsões
E com o peito alanceado e o coração aberto
Chamava pela cruz que vinha já tão perto.

Chaves, 22—7—17.

João Pessanha.



A igreja e o antigo convento do Pilar



Vendendo melancias



Um aspecto da romaria



A venda de melancias



A festa do Pilar, em Villa Nova de Gaya, não é só um tradicional residuo de costumes christãos e de velusta, avoengra devoção á Virgem, é tambem o innocente pretexto de diversões e folguedos. Como todas as romarias, tem a sua nota typica:—aqui é a venda das melancias. A melancia, a carnuda, liquescente melancia,—delicia dos vegetarianos!—tem alli um consumo extraordinario, capaz de resolver a crise das hortas. Em volta dos carros, em

volta dos variados postos onde as camponezas as apresentam, comprime-se sempre uma multidão, desejosa de refrescar com a rosea, vermelha polpa, as gargantas sequiosas. O nosso reporter graphico foi lá, e fixou na chapa esses interessantes quadros populares que documentam esta vivida pagina da vida contemporanea.

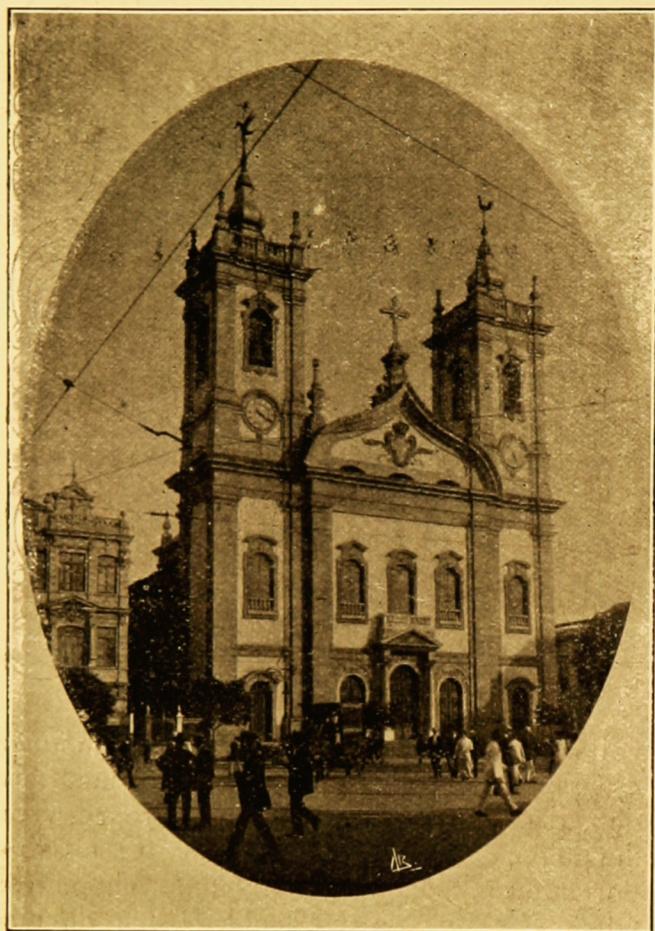
É a gente, fitando o quadro, achamos-lhe razão: são tão appetitosas as doces melancias!



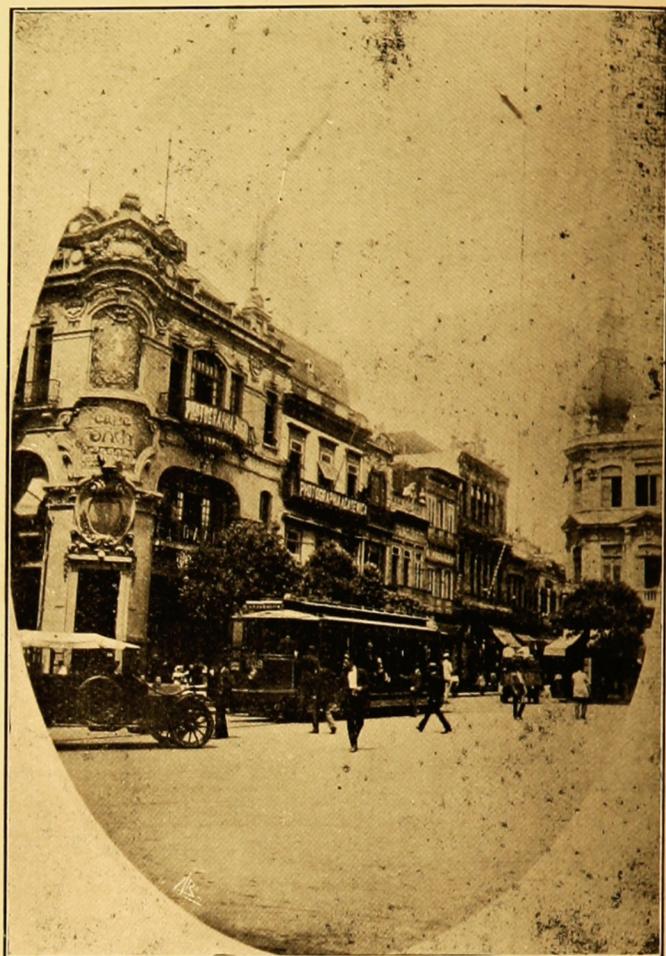
(Phots. J. Azevedo).

Melancias! Melancias!

RIO DE JANEIRO



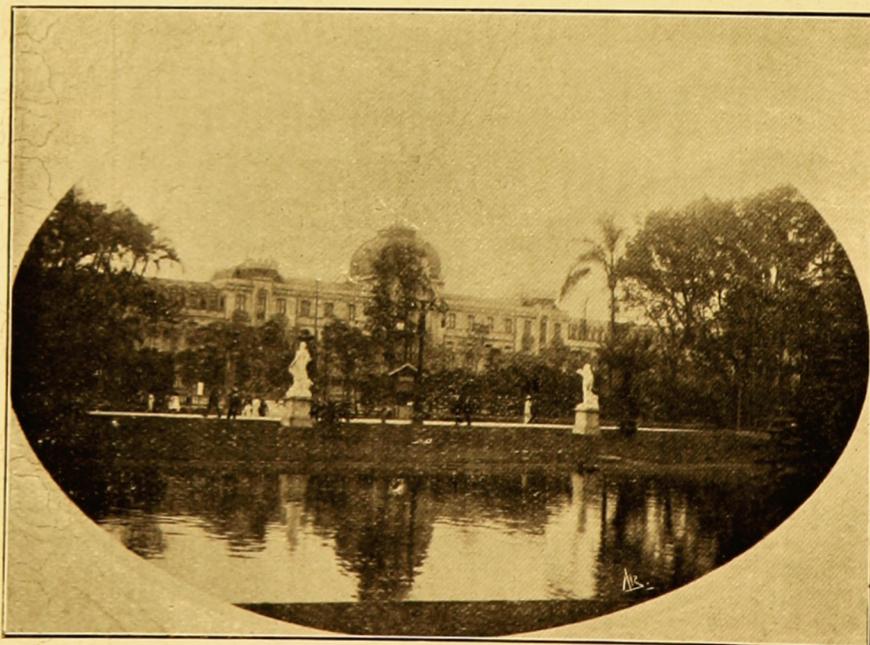
Igreja de S. Francisco de Paula



Travesa de S. Francisco

O Rio de Janeiro, antiga cidade que os portugueses fundaram no periodo aureo dos descobrimentos e possessões, tem de uns annos para cá rasgado novos horizontes e bem largos, á sua actividade. Hoje o Rio, mercê de bem

cuidado saneamento, e largas medidas expansivas trocou se n'uma cidade-cogumello, dessas cidades que são assim denominadas pela febril rapidez com que veem novos bairros surgir como por encanto ao seu redor. Tem o Rio de

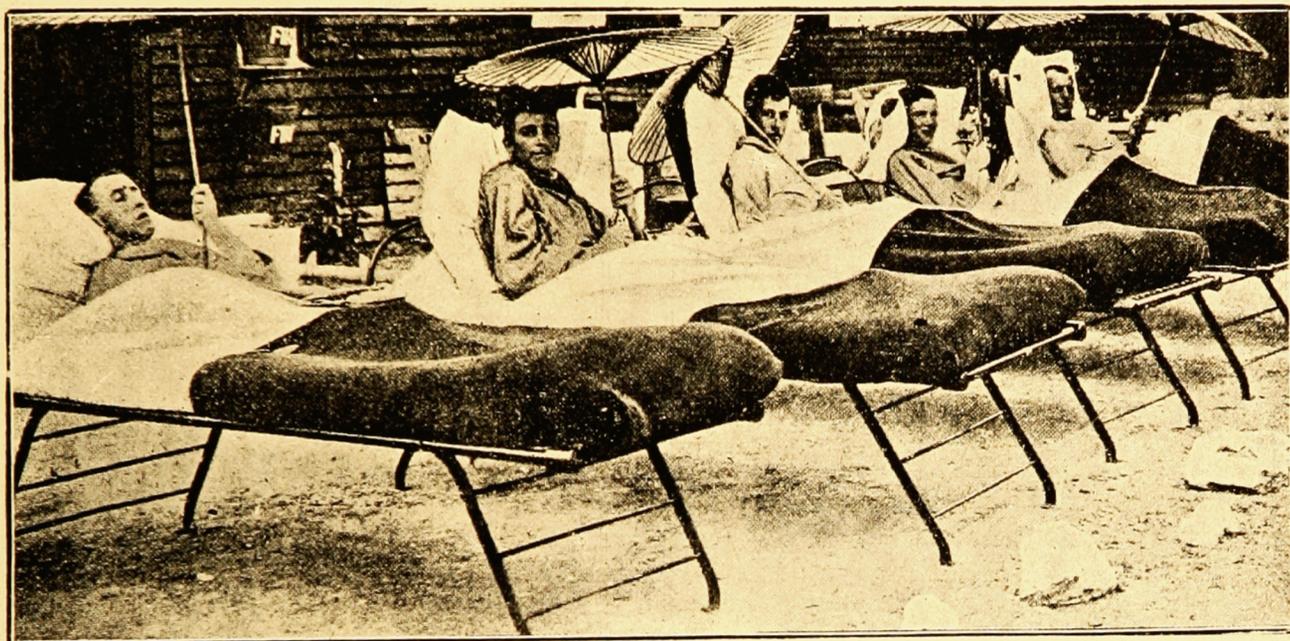


Quartel General no Campo de Santa Anna

Janeiro edificios bellissimos, artisticas construcções e paisagens deliciosas. Boas linhas ferreas, alem do excellente porto, o põem em contacto com outros emporios commerciaes do interior. A capital brasileira está assim destinada a ser uma das mais notaveis cidades da America do Sul.

Foi a 1 de Janeiro de 1532 que Martins Affonso de Sousa visitando a bahia lhe poz o nome actual, julgando que era um rio essa grande extensão de agua que os indigenas chamavam Nitherohi. Pelos meados do seculo XVI, reinando D. Sebastião, foi fundada a villa, que se chamou de S. Sebastião do Rio de Janeiro, germen da grande actual aglomeração citadina.

Guerra Europeia



Feridos ingleses tomando um banho de sol.

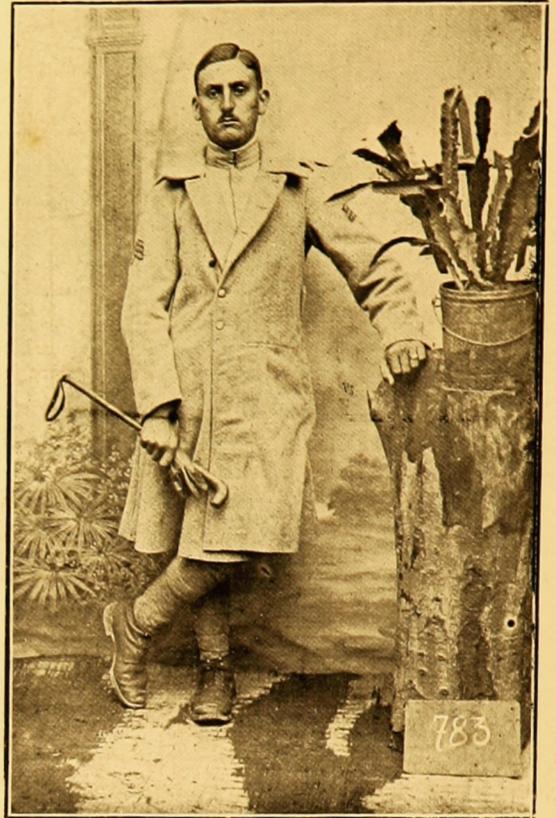
Um grupo de cabos portugueses de infantaria 18 na linha de batalha.



Portuguezes na guerra



Tenente José Barbosa, de infantaria 29



*José Maria de Barros,
2.º sargento de infantaria 29.*



*Sentados: Alferes Raphael Gomes e Calixto
J. P. Costa Gouveia.
De pé: Alberto Pereira da Costa.*



*Joaquim Martins, 1.º cabo em serviço no Q. G.
da 2.ª divisão em França. Natural
de Castellões, Guimarães, e ex-empregado da Tabacaria S. Romão*

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

Contra riscos de guerra terrestres
e marítimos, grêves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povia
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º—BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaequer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA